



**Performances de *Não* Maternidade em uma Comunidade Online:
(Re)construindo Sociabilidades de Gênero Feminino**

Lúcia Gomes Pinheiro¹

(UFRJ)

44

Resumo: Apesar da ascensão profissional feminina e da crescente tendência de opção pela *não* maternidade nas sociedades ocidentais, ainda se associa o modelo da “mãe perfeita”, devotada aos filhos, a uma suposta plenitude do gênero feminino. Correlatamente, as mulheres *não* mães são alvo de estereótipos: egoístas se tal condição deriva de escolha ou frustradas se resultante de barreiras biológicas. Tendo como aporte teórico a compreensão de Butler (2003; 2004) de gênero e sexualidade como efeitos de *performances*, isto é, de reiterações discursivas, este artigo intenta analisar como as performances de mulheres voluntariamente *não* mães em uma comunidade online reproduzem e/ou (re)constroem sentidos tradicionais de maternidade e *não* maternidade.

Palavras-Chave: “mãe perfeita”; *não* mães; performances; gênero feminino; comunidades online

Abstract: Despite women’s professional rise and the growing tendency of childlessness in Western societies, the model of “the perfect mother”, which prescribes mothers’ devotion to their children, is still associated to the fulfillment of femininity. Accordingly, non-mothers are said to be selfish if such condition is voluntary or frustrated if it is caused by biological barriers. Having as theoretical basis the understanding of gender and sexualities as performances (BUTLER, 2003; 2004), that is, as effects of discursive reiterations, this paper aims to analyze how the performances

¹ Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora de Língua Inglesa do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: luciagpinheiro@gmail.com Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0436536400574519>



of women who are voluntarily childless in an online community reproduce and/or (re)construct meanings traditionally connected to motherhood and non-motherhood.

Keywords: “the perfect mother”; non-mothers; performances; feminine gender; online communities

1. Introdução

“Você vai ser feliz passando a sua vida inteira sem saber o que é ficar grávida?” A minha reação inicial a essa pergunta, feita por um médico diante da minha recusa a um tratamento, foi apenas de indignação, por julgá-la intrusiva, e não de tristeza, já que eu nunca sentira o desejo arrebatador pela maternidade que eu testemunhara em muitas mulheres. No entanto, mais tarde, cheguei a me sentir uma mulher incompleta pela impossibilidade biológica de me tornar mãe. Essa narrativa poderia ser vista, de maneira simplista, como um encontro entre um médico insensível e uma mulher indecisa. Entretanto, creio que tanto o questionamento do médico quanto as minhas reações, bem como a questão da *não* maternidade, sobre a qual versa o presente artigo, devem ser compreendidos dentro do panorama contemporâneo de convivência entre o tradicional e o moderno (PINSKY, 2012, p.541), de fricção entre discursos essencialistas sobre as sociabilidades e uma série de transformações socioculturais.

A despeito das conquistas feministas, da consolidada inserção da mulher no mercado de trabalho, do uso de métodos contraceptivos que fizeram a procriação migrar da esfera da inevitabilidade biológica para constituir uma escolha (MANSUR, 2003) e da crescente opção de mulheres em vários países ocidentais pela nuliparidade, autores como McQuillan *et al.* (2012, p.1167), Badinter (2011, p. 20) e Gillespie (2003, p.123-124) ressaltam o caráter perdurável da visão de maternidade como condição para a vivência de uma identidade adulta e para o exercício pleno do gênero feminino. A vinculação entre as sociabilidades de gênero feminino e de mãe encontra sua expressão máxima no que Badinter (2011) e Shelton e Johnson (2006) denominam o modelo da “mãe perfeita”. Tal modelo condensa os atributos de dedicação integral, ternura e



altruísmo no cuidado tanto físico quanto psicológico dos filhos e, articulando-se a políticas pró-natalistas, tem renovado fôlego nas últimas três décadas (SHELTON; JOHNSON, 2006; BADINTER, 2011). Como corolário da expectativa de que as mulheres sigam o modelo da “mãe perfeita”, circulam ainda uma gama de estereótipos sobre aquelas sem filhos, os quais diferem conforme essa condição advenha ou não de uma escolha (GILLESPIE, 2003, p.124; BADINTER, 2011, p.184-5; RICH *et al.* 2011, p.227): tristes e sofredoras pela impossibilidade da maternidade ou egoístas e autocentradas se a recusam.

Diante do exposto, impõe-se dar visibilidade a histórias de mulheres *não* mães, tarefa que se situa no quadro epistemológico de uma Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006, p.86), a qual, operando nas fronteiras entre saberes, volta-se para as narrativas de sujeitos marginalizados do ponto de vista de suas sociabilidades.

Contemporaneamente, as redes sociais têm ganhado relevância como espaços em que indivíduos se reúnem encenando performances (BUTLER, 2003; 2004), isto é, se engajam em práticas discursivas em que ressemantizam intersubjetivamente significados e sociabilidades (MOITA LOPES, 2012). Desse modo, o objetivo do presente artigo é analisar as performances de *não* maternidade encenadas em uma comunidade online, focalizando de que modo interações discursivas ali ocorridas reproduzem e/ou (re)constroem significados prevalentes no âmbito macrossocial sobre maternidade e *não* maternidade. Para tanto, trilho o seguinte percurso: na seção 2, aprofundo a discussão sobre as sociabilidades de maternidade e *não* maternidade como sendo forjadas na historicidade de regimes de poder-saber (FOUCAULT, 2003); na seção 3 discorro sobre a visão de gênero e sexualidades como performances (BUTLER, 2003; 2004) e abordo brevemente o potencial dos espaços online para a encenação de performances; na seção 4 apresento o contexto de pesquisa e o instrumental teórico-analítico legado pela Sociolinguística Interacional; na seção 5 procedo à análise de dados; e, finalmente, na seção 6 apresento a conclusão, ressaltando que ao mesmo tempo em que os sujeitos *não* mães se recriam como “mulheres plenas e felizes”, reiteram noções que compõem o modelo da “mãe perfeita”.



2. O Modelo da “Mãe Perfeita” como Construção Sociohistórica

A construção social de maternidade, primordialmente a biológica, como uma dimensão necessária para uma suposta plenitude do gênero feminino repousa na sociedade ocidental, como enfatizam Shelton e Johnson (2006, p.316), em uma gama de “assunções pessoais e culturais de que as mulheres são, ou querem ser mães”², as quais as autoras (*ibidem*) e também Badinter (2011) relacionam ao modelo da “mãe perfeita”.

A ideia ainda prevalente no senso comum de que toda mulher, além de ser mãe, deve ser uma mãe devotada e altruísta, nutrindo um amor incondicional aos filhos foi sendo gestada dentro do que Foucault (2003, p.27) denomina regimes de poder-saber³ ao longo de processos sociohistóricos em que o próprio caráter contingente das normas da “boa maternidade” foi apagado e tais normas fixadas como atemporais e universais.

Com efeito, se até o último terço do século XVIII, no que se refere ao contexto ocidental, sobretudo à França, o relacionamento das mães com os filhos não era pautado pelo contato íntimo ou pela dedicação integral das primeiras, esse vínculo começou a ser forjado, então, em um processo em que se articularam uma série de medidas políticas estatais e saberes/discursos paulatinamente instauradores das normas da “boa maternidade” (BADINTER, 1985; FIDALGO, 2003). Um discurso econômico-demográfico postulou a importância da diminuição da mortalidade infantil e do crescimento da população para o incremento da força de trabalho e do mercado consumidor (BADINTER, 1985, p. 148-160). Foi se fomentando também, em um cenário de valorização do amor conjugal, um discurso segundo o qual a finalidade

² Todas as traduções de obras referidas em inglês são de minha inteira responsabilidade.

³ A expressão poder-saber, cunhada por Foucault (FOUCAULT, 2003, p.27), diz respeito ao seu entendimento de que “[...] poder e saber estão diretamente implicados; não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (FOUCAULT, 2003, p. 27)



central da microssociedade familiar deveria ser a procriação (BADINTER, 1985, p.177). Finalmente, o Estado passou a dirigir diretamente às mães todo um apelo, do qual o precursor e principal formulador foi o filósofo Rousseau, para que cuidassem com zelo e ternura dos filhos, retornando às práticas da “boa maternidade” típicas do estado de natureza como, por exemplo, a amamentação. Esse apelo se fez acompanhar pela promessa de glória diante da nação e também por discursos religiosos ameaçando as “más” mães com a condenação moral e teológica (BADINTER, 1985, p. 194-198). A historicização do modelo da “mãe perfeita” pode, pois, denunciá-lo como sendo uma construção a partir de condições de possibilidade de emergência e não uma inevitabilidade ligada à “natureza” feminina.

Autoras como Fidalgo (2003), Shelton e Johnson (2006) e Badinter (2011) destacam o recrudescimento, nas últimas décadas, do modelo da “mãe perfeita” que contemplaria, então, aquela que se constitui como a cuidadora primária dos filhos e se empenha ao máximo na satisfação das necessidades e desejos da criança em detrimento de seus próprios interesses, inclusive, profissionais. Na esteira de certas vertentes da Psicanálise que vinculam a intensidade da relação entre mãe e filho ao bem estar psíquico deste último, o modelo da “mãe perfeita” tem impetrado culpabilização às mães que não se pautam por ele ou que não o cumprem (Badinter, 1985; 2011). Todas essas exigências atendem também, na contemporaneidade, a características contextuais da sociedade ocidental: políticas pró-natalistas, cujo cunho neoliberal remete à mãe a responsabilidade individual sobre o cuidado dos filhos (MEYER, 2005, p. 87-88); a insuficiência de creches (BADINTER, 2011, p.168; PINSKY, 2012, p.530); a permanência de uma divisão desigual de trabalho doméstico entre os gêneros (BADINTER, 2011, p.168; PINSKY, 2012, p.531-2); a influência de valores religiosos (McQUILLAN *et al.*, 2012, p.1170); e ainda a confluência entre um discurso de viés psicológico-comportamental e um discurso de um certo feminismo essencialista os quais, preconizando o retorno à natureza, postulam os atributos de zelo e ternura como uma prerrogativa biológica das mulheres e, assim, o vínculo primário e intenso entre mãe e filho (BADINTER, 2011, p. 45-79).



Embora o padrão de “boa maternidade” guarde pouca correspondência com as experiências concretas das mães no que concerne seja à sociedade estadunidense (SHELTON; JOHNSON, 2006), à brasileira (MEYER, 2005) ou à europeia (BADINTER, 2011), tal padrão é tomado como hegemônico gerando, assim, efeitos importantes de subjetividade: sobre aquelas que não o cumprem podem incidir predicações tais como irresponsável, inadequada, e ausente (FIDALGO, 2003, p.166-7; SHELTON; JOHNSON, 2006, p.317). Badinter (2011, p.164) argumenta inclusive, acerca da atual tendência de rejeição da maternidade por parte da população feminina em países desenvolvidos como a Itália, Alemanha e Japão que “a pregnancy social do modelo da boa mãe” constitui um freio para o desejo de maternidade.

A partir de uma perspectiva relacional, o modelo da “mãe perfeita”, ao configurar a mãe devotada e terna como gabarito de feminilidade, constrói as *não* mães sob o signo do desvio e da estigmatização (RITCH *et al.*, 2011, p.234-241). Estudos recentes apontam que a condição de *não* maternidade, advindo ela de uma escolha, de barreiras anátomo-fisiológicas ou de circunstâncias de vida (RICH *et al.*, 2011; MCQUILLAN *et al.*, 2012) e em que pesem nuances relativas à classe social, raça, etnia e faixa etária, continua gerando reações de surpresa, sendo ainda objeto de escrutínio social e alvo de uma plethora de estereótipos e crenças (GILLESPIE, 2003; RICH *et al.*, 2011). Enquanto as mulheres *não* mães diagnosticadas com algum grau de infertilidade são enquadradas em termos de sofrimento, ausência e tristeza (GILLESPIE, 2003, p.214; RICH *et al.*, 2011, p. 227), sobre as mulheres que ousam anunciar o caráter voluntário de sua *não* maternidade recaem, então, as predicações de egoísta, individualista, isoladas socialmente e inaptas ou insensíveis para o cuidado humano em geral (GILLESPIE, 2003, p. 124; BADINTER 2011, p.174; RICH *et al.*, 2011, p. 236-270). Ademais, segundo depoimentos de mulheres sem filhos em entrevistas realizadas por Mansur (2003, p. 148), é recorrente também a advertência social de que consoante a ausência de um legado biológico ou afetivo direto que a vida sem filhos representa, tal caminho pode significar solidão e desamparo na velhice.



Conforme destaca Gillespie (2003), a maior parte das mulheres sem filhos é ciente das expectativas sociais quanto à maternidade que se espraiam microcapilarmente, como por exemplo, nos questionamentos de amigos e familiares. De acordo com a teorização foucaultiana sobre a indissociabilidade entre poder e resistência (FOUCAULT, 2007, p.105-107), os sujeitos *não* mães, todavia, sobretudo os que verbalizam a condição de *não* maternidade como fruto de uma escolha, reconstróem os significados de tal sociabilidade, desafiando a associação com a maternidade que subjaz à noção de feminilidade. Mulheres *não* mães, de acordo com a análise de Rich *et al.* (2011, p. 237), reformulam sua opção como um ato de responsabilidade em vez de egoísmo, ao “ênfatarem a reflexão que dispensaram à escolha de permanecerem sem filhos e a ausência dessa reflexão entre os pais.” Emblemáticas também da articulação de contra-discursos pelas *não* mães, como argumentam Gillespie (2003) e Rich *et al.* (2011), são a rejeição do próprio termo *childless*,⁴ que marca a perspectiva de falta em relação a algo que se quis muito, e a consequente adoção do termo *childfree*. Este último, em contrapartida, acentua um status de completude ligado a maiores oportunidades de ascensão profissional e aos “benefícios de um estilo de vida *childfree*, especialmente liberdade pessoal e possibilidade de desenvolver relacionamento com outros adultos” (GILLESPIE, 2003, p.136). Gillespie (2003) e McQuillan *et al.* (2012) ressaltam que mais contemporaneamente mulheres *childfree* têm, então, invertido a tradicional via de sacrifício pessoal e abnegação proposta pelo modelo da “mãe perfeita” ao encenarem performances de gênero alternativas às que gravitam em torno da maternidade.

O entendimento de que as sociabilidades constituem performances (BUTLER, 2003; 2004), ou seja, encenações de práticas sociodiscursivas pode, então, ensejar a refeitura criativa dos modos de dizer/fazer a experiência humana. Nesse sentido, apresento a seguir a teorização butleriana acerca de gênero e sexualidade como performances, focalizando sua rentabilidade na investigação das maternidades e *não* maternidades como sociabilidades em (re)construção.

⁴ O sufixo *less* forma adjetivos que apontam a ausência de uma condição. Assim, *childless* significa “sem filhos”. Já a adição de *free* (livre) enfatiza a liberdade de e por não filhos.



3. Gênero e Sexualidade como Performances

Em um movimento de expansão do legado de Austin (1990) acerca do entendimento da linguagem como uma forma de atividade social, Butler (2003; 2004) defende a visão de sexo, de gênero e de sexualidade como performativos, desvinculando-os, pois, de qualquer essência e sublinhando, ao contrário, sua historicidade. A autora (2003; 2004) denuncia que a aparência de substância e naturalidade das categorias gênero e sexualidade é efeito da repetição de uma série de práticas e discursos cujos pontos de origem difundem-se complexamente por uma rede de poder-saber, ao longo de todo um processo sociohistórico. Ao discorrer, por exemplo, sobre o caráter performativo do gênero, Butler (2003, p.59) afirma que:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2003, p. 59)

O caráter construído da estabilidade da tríade sexo-gênero-desejo, como articulados em uma correlação unívoca e uma oposição binária fundamenta, então, a matriz heterossexual. É essa imbricação forjada, cuja historicidade é oculta pelos aparatos jurídico-institucionais, que garante a inteligibilidade cultural, a legitimidade e a viabilidade das performances de gênero e de sexualidade que se conformam àquela matriz (BUTLER, 2003; 2004).

A teorização butleriana pode ser profícua para a compreensão dos modelos e estereótipos em que estão enredadas as vivências de maternidade e *não* maternidade. Com efeito, a um sujeito com uma configuração anátomo-fisiológica dita feminina, que o permite gerar e parir atrelam-se expectativas tais como ternura, zelo e instinto maternal, vistas como definidoras do gênero feminino, e um desejo pelo sexo oposto, de modo a se cumprirem, então, os requisitos normativamente construídos como naturais e ideais para uma mãe. A repetição de performances de maternidade que se estruturam



com base na tríade sexo-gênero-sexualidade torna-as hegemônicas, rechaçando-se as performances que rompem algum dos elos dessa articulação.

As noções de gênero e sexualidade como efeitos de reiteração discursiva cujas totalidades são permanentemente proteladas abrem espaço, no entanto, à possibilidade de refeitura criativa de tais categorias (BUTLER, 2003, p.57-58; 2004, p.14). Butler (2003) adverte, porém, que vislumbrar a instabilidade do gênero e da sexualidade e, assim, um espectro de agência do sujeito no interior das matrizes sociohistoricas hegemônicas não nos autoriza a encenar performances a nosso bel-prazer; as improvisações acontecem inescapavelmente “dentro de um cenário de constrangimentos” (BUTLER, 2004, p.1). É a partir mesmo dos regimes que regulam a inteligibilidade da tríade sexo-gênero-desejo que se pode expor seu caráter compulsório e sua vulnerabilidade, reconfigurando a experiência humana (BUTLER 2003; 2004).

O ensaio de subjetividades alternativas às hegemônicas cada vez mais tem ganhado visibilidade no âmbito online. Conforme apontam Lankshear e Knobel (2008), a participação sociodiscursiva em comunidades nas redes sociais, em que os membros se reconhecem como unidos por um interesse comum, tem crescentemente se imbricado com a vivência cotidiana das pessoas. Apesar da possível permanência de significados e valores essencialistas nas interações em comunidades online, Moita Lopes (2012, p. 222) destaca que a exacerbação de relações sociais e do fluxo de múltiplos discursos, viabilizada pelo meio digital, “coloca-nos indagações constantes sobre as histórias que nos constituíram, as formas de construir sentidos e [...] nos mostra a natureza ficcional de quem somos”.

No que tange à discussão sobre a condição social contemporânea de não ter filhos, Fernandes e Lacerda (2012) também assinalam seu comparecimento em uma variedade de mídias, dentre as quais comunidades em redes sociais, blogs e sites, destacando que a participação nesses espaços pode criar um sentido de coesão para pessoas que optam pela não-parentalidade. Todavia, como os autores (p.36-37) alertam, o espaço reservado, nas mídias tradicionais ou digitais, à abordagem da parentalidade ainda é muito superior àquele alocado para a desestigmatização da experiência de uma vida sem filhos.



O ainda majoritário foco nas sociabilidades de maternidade em relação às de *não* maternidade e a vigência de sentidos de maternidade que ratificam o modelo da “mãe perfeita” no cenário midiático e social em geral sublinham a relevância sociopolítica de se investigar as performances de *não* maternidade, no caso aqui, em uma comunidade que integra uma rede social. A seguir, descrevo o contexto de pesquisa bem como o instrumental teórico-analítico que informa a análise de dados.

4. Contexto de Pesquisa e Instrumental Teórico-Analítico

O presente artigo vincula-se a uma investigação etnográfica (Hine, 2000), cujo contexto é o de uma comunidade online em uma rede social. Os membros, em número de aproximadamente 350 em março de 2013, dentre homens e mulheres, se agregam em torno da opção em comum pela não-parentalidade. Trata-se de um grupo fechado e ao solicitar o ingresso no mesmo, apresentei o teor e objetivos de minha pesquisa e pedi aos moderadores permissão para usar dados das interações. A autorização me foi concedida com a condição de que eu preservasse o anonimato dos participantes, o que é contemplado aqui com a utilização de pseudônimos e a supressão de avatares e/ou fotos.

A análise a ser empreendida parte do pressuposto de que toda interlocução acontece na interface entre os níveis escalares microinteracional e macrossocial, cuja conexão envolve sempre o fenômeno da indexicalidade, que diz respeito, em termos gerais, à propriedade da linguagem de apontar, estabelecendo uma inter-relação dinâmica entre texto(s) e contexto(s). A noção de indexicalidade dá conta de que escolhas lexicais, marcadores discursivos, traços prosódicos, sotaques etc., ou seja, os recursos semióticos em geral, para além do significado considerado como referencial, denotacional, acenam também para um nível conotacional, para todo um conjunto de regularidades socioculturais, de normas e tradições (BLOMMAERT, 2010, p.33).

De acordo com o entendimento acerca da imbricação entre as esferas local e sociocultural mais ampla na constituição da vida social, opto por categorias legadas pela Sociolinguística Interacional quais sejam, enquadre (GOFFMAN, 1974), footing (GOFFMAN, 2002) e pistas de contextualização (GUMPERZ, 1992). Ao fazê-lo,



alinho-me a Rampton (2001, p.84-85) que enfatiza o potencial de tais construtos para o exame detalhado dos movimentos de negociação e/ou embate nos quais os participantes interacionais se engajam, em movimentos de ratificação e/ou transformação da ordem socioinstitucional. Ademais, o uso desse arcabouço analítico na análise de interações online é chancelado por Agha (2005, p.54) que sublinha a sua propriedade mesmo para situações em que não haja a copresença de interlocutores.

O conceito de enquadre diz respeito à negociação e definição pelos participantes do tipo de evento em curso na interação, isto é, a como interpretam o que está acontecendo (GOFFMAN, 1974, p. 21-26). Esse processo de negociação de enquadres pelos interlocutores implica a encenação e projeção de footings (GOFFMAN, 2002) (ibid.) pelos mesmos. Os footings consistem em movimentos interacionais (não necessariamente verbais) com base nos quais os participantes assinalam uma perspectiva em relação a si mesmos, aos seus interlocutores e ao discurso em construção (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p.107). Em uma interlocução coexistem múltiplas modalidades de footings, as quais, segundo Ribeiro e Garcez, (2002, p. 107), abarcam: papéis comunicativos (por exemplo, o falante pode ser o próprio autor do enunciado que produz ou simplesmente animador de um enunciado alheio); perspectivas (alinhar-se em concordância ou criticamente em relação a alguém e/ou ao seu enunciado); e posições sociais (dirigir-se a alguém como chefe, subordinado, amigo etc.). Matoesian e Coldren (2002, p. 473-482) acrescentam que os footings podem indexar sociabilidades (opinar como integrante ou não de uma comunidade, pleitear melhores salários na condição de mulher, “falar como mãe” etc.).

As alterações concomitantes de enquadres e footings vão sendo assinaladas pela coocorrência do que Gumperz (1992, p.231) denomina pistas de contextualização. O autor empreende a seguinte classificação desses sinais, alertando, no entanto, que tal categorização não esgota os potenciais recursos semióticos multimodais que os interlocutores mobilizam nas situações interacionais: 1- prosódicos; 2- paralinguísticos; 3-relativos à escolha do código linguístico; 4-atinentes à escolha de formas lexicais ou expressões formulaicas. Dada a especificidade dos contextos online, contudo, algumas das pistas de contextualização não verbais podem não estar acessíveis ali. Faz-se



necessário, então, adaptar a tipologia convencional, focalizando, dentre outros aspectos, recursos da linguagem escrita que reproduzem traços da oralidade, tais como, caracteres maiúsculos sinalizando elevação do tom de voz e repetição de vogais apontando para elementos prosódicos; sinais de pontuação evocando estados emocionais; justaposição de sinais representando expressões faciais; convenções referentes a atitudes como, por exemplo, o uso de “rsrsrsrs” ou “kkkkk”, sinalizando uma enquadre de riso e/ou ironia; e elementos de outras semioses como fotos, imagens, emoticons e links para vídeos.

5. Análise de Dados

Cumpru destacar que o excerto apresentado constitui uma transposição da interação original para outro contexto, qual seja, o de um artigo acadêmico, em que se fizeram necessárias adaptações. O uso do recurso “[...]” indica que postagens foram por mim suprimidas, por julgá-las semanticamente semelhantes às apresentadas e visando também restringir a extensão da sequência. Não houve, porém, quaisquer correções gramaticais ou ortográficas. No entanto, como medidas de proteção ao anonimato das participantes, foram adotados pseudônimos e retiradas semioses como fotos e avatares. Admito que tais escolhas impliquem limites à análise, a qual constitui apenas uma possibilidade de criação de inteligibilidade acerca da sequência interacional a seguir.

1	Rose Mulherada da comunidade,deixa eu dividir essa com vocês. Tava indo
2	almoçar com um grupo de colegas da minha aula de teatro (todas senhoras,já) e no
3	táxi alguém começou a falar de uma fulana que teve bebê. Uma das senhoras
4	criticou muito a tal,por ter filho nova,bababá. Daí eu fiquei curiosa,porque sempre
5	a vejo com o marido, e perguntei se ela não tinha filhos. Ela respondeu: "Eu
6	não!Não tive, nunca quis,se pudesse voltar não teria de novo!" Super convicta do
7	que tava dizendo.Ela deve ter uns 50 anos, faz as aulas de teatro amarradona e
8	depois vai passear e é uma mulher muito bonita, daquelas que envelhece bem. Me
9	senti super feliz ao ouvi-la e ver (apesar de eu já saber,né?) que é perfeitamente
10	possível ser feliz sem filhos e que ser independente é ainda melhor do que ser mãe!
11	Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir (desfazer) publicação · 11 de Junho às 23:24
12	Você e outras 38 pessoas curtiram isto.
	[...]



13	Melanie Tenhos várias tias, que nunca tiveram filhos e envelheceram bem, estão
14	ótimas. Nunca assumiram ser childfree, mas, pergunta se elas quiseram filhos?
15	Nenhuma se arrepende. (Adooooo...) 13 de Junho às 01:34 · Curtir · 1
16	Annetb tenho um ,Melanie a tia-avó assim. Ela fará 92 anos semana que vem e
17	ninguém diz. Ninguém. Nunca teve filhos nem se casou, trabalhou fora na década
18	de 40. Não é pra qq uma. 13 de Junho às 12:29 · Curtir · 3
19	Tina... mas quem vai ,ain' isso quebra totalmente velho cuidar de você na velhice?
20	'Eu mesmo, oras! 13 de Junho às 12:59 · Curtir · 2
	[...]
21	Nicole Bom, se o meu exemplo servir pras meninas aqui do grupo, eu tenho 47
22	anos, e desde os 15 resolvi que nao ia parir, e olha, foi uma das melhores decisoes
23	na minha vida. Hoje, obviamente nao sou mais cobrada pela idade, mas teve gente
24	me perguntando por que eu nao adotava... [...]Sim, sou muito feliz, tenho tempo
25	pra mim, pra me cuidar, gasto meu dinheiro com o que me agrada, durmo tranquila
26	toda noite, sem preocupacoes com filhos adolescentes saindo por ai na noite com
27	risco de fazer um monte de m.. pra depois eu e meu marido arcar com as
28	consequencias, olha se voces nao querem ter filhos, sigam firme na decisao de
29	voces como eu segui na minha e sejam felizes e nao deem creditos pro que a
30	sociedade pensa, eu nunca dei, e por isso hoje sou feliz sem filhos! :) 18 de junho
31	às 12:12 via celular · Curtir (desfazer) · 9
32	Rose Nicole ,curti milhões de vezes!!!Penso exatamente como você! 18 de junho
33	às 12:21 · Curtir · 1

A sequência é iniciada por Rose com o vocativo “mulherada da comunidade” (1. 1) pista de contextualização que indexa a sua avaliação de que a narrativa⁵ a ser por ela contada talvez tenha como audiência preferencial as mulheres porque são elas, e não os homens, o alvo por excelência do questionamento e/ou cobrança em relação à condição de não parentalidade.

No começo da narrativa, o uso do sintagma nominal “aula de teatro” (1.2) designa uma atividade partilhada entre a narradora e a personagem referida por ela como “uma das senhoras” (1. 3), ambas, como a narrativa adiante anuncia, mulheres sem filhos, podendo, assim, sinalizar a ideia de que tais mulheres têm, legitimamente, outros interesses na vida além daqueles circunscritos à esfera familiar. A partir daí, a

⁵ Adoto aqui a definição de narrativa proposta por Labov (1972: 359), segundo a qual deve haver presença de uma sequência de no mínimo duas orações contendo verbos no passado e uma junctura temporal de modo a corresponder à suposta ordem cronológica dos acontecimentos.



narradora, com o emprego de sintagmas tais como “senhoras” (l. 2) e “daquelas que envelhece” (l. 8) opera uma clivagem entre o que constrói como sendo a categoria de ‘mulheres mais velhas que já ultrapassaram a faixa etária correspondente à da procriação’ e o grupo de ‘mulheres mais jovens, e, desse modo, mais sujeitas à cobrança social quanto à maternidade’. Essa categorização bipartida vai, então, balizar o enquadre que a narradora e algumas interlocutoras projetam sobre a narrativa; elas veem a história não só como se referindo ao presente de uma mulher que no passado escolheu a *não* maternidade, mas também como uma mostra do futuro de mulheres que, como elas, optam, no tempo presente, do evento narrativo, por não ter filhos.

A narradora encaixa na narrativa principal outra narrativa em que se refere a uma das personagens, uma mulher que tivera um bebê (l. 3), com base na escolha linguística “uma fulana” (l. 3) e logo depois, na linha 4, como “a tal”, pistas de contextualização que remetem não ao indivíduo, mas à sociabilidade de ‘mãe que pare muito jovem’ contra a qual ela mesma narradora e a personagem protagonista da narrativa principal (“uma das senhoras”, l. 3) se alinham criticamente. Vale ressaltar que, com base em entrevistas e na minha atividade de observação participante, construo a narradora Rose como se alinhando em reprovação às mulheres que têm filhos muito jovens e, principalmente, às que ela julga sem condições financeiras e psicológicas para exercer a maternidade.

Diante do comentário crítico da protagonista da narrativa acerca da mulher que parira, a narradora se predica como “curiosa” (l. 4) em relação ao fato de ver sempre a personagem com o marido e, provavelmente (isso não fica claro na narrativa), não vê-la com filhos e/ou não falar de filhos. A reação de curiosidade indexa a ideia de que não ter filhos é ainda uma questão e mesmo mulheres sem filhos têm essa expectativa em relação às outras em face da sedimentação de performances ao longo de uma história de construção da “boa maternidade”. Várias pistas de contextualização, nas linhas 5 e 6, tais como, o enunciado “Ela respondeu:”, o uso de aspas e do pronome “eu” sinalizam, então, uma narrativa, proferida pela personagem referida como “senhora já”, encaixada dentro da narrativa principal. Na narrativa encaixada, a narradora “senhora já” atua como animadora, autora e personagem e projeta sobre si mesma um footing de *não*



mãe convicta' com o uso das pistas de contextualização representadas pelos advérbios de negação “não” e “nunca” e pelo ponto de exclamação sinalizando ênfase (l. 6). O footing de ‘*não* mãe’ é ainda intensificado pela construção de uma hipótese retrospectiva em “se pudesse voltar, não teria de novo” (l. 6), indexando a ideia de não arrependimento, o que por sua vez projeta uma *performance* de *não* maternidade assertiva e de mulher realizada com sua opção.

O footing de ‘*não* mãe convicta’ que a personagem encenara no evento narrado também é projetado sobre ela pela narradora principal no evento narrativo com base na predicação “super convicta” (l. 6). A construção da personagem “senhora já” se completa com a conjugação da predicação “muito bonita” (l. 8), do enunciado “faz as aulas de teatro amarradona” (l. 7) e da locução verbal “vai passear” (l. 8) Todas essas pistas de contextualização sinalizam um footing de ‘mulher ativa e realizada’ anunciando o ponto da narrativa acerca da compatibilidade entre performances de mulheres sem filhos e realização feminina.

A narradora utiliza então em relação a si mesma a predicação “super feliz” em “me senti super feliz a ouvi-la e ver” (l. 8 e 9), a qual destaca o seu envolvimento e o seu alinhamento de concordância e aprovação em relação à história por ela contada. A narrativa em tela indexa a viabilidade e legitimidade da própria sociabilidade de *não* mãe que a narradora principal também encena na interação online. A observação entre parênteses “apesar de deu já saber, né?” (l. 9) constitui uma pista que aponta para a narradora como alguém que já experiencia, em suas *performances* de *não* maternidade, o que ela sintetiza como sendo a moral da narrativa nos enunciados das linhas 9 e 10: “é perfeitamente possível ser feliz sem filhos” e “ser independente é ainda melhor que ser mãe!”. Ao produzir esses enunciados, no entanto, a narradora constrói os sentidos de ‘ser mãe’ e ‘ser independente’ como dicotômicos, reproduzindo, pois, indexicalidades privilegiadas pelo modelo da “mãe perfeita” segundo o qual os sentidos de ‘mãe’ e de ‘devoção/doação integral’ são sempre equacionados. A performance de mulher sem filhos como feliz e realizada se ancora, assim, em significados tradicionalmente difundidos na esfera macrossocial acerca da “boa maternidade”.



A narrativa em questão parece, ainda, ser emblemática da ambivalência que perpassa a questão da maternidade. Por um lado, a narradora projeta um footing de ‘mulher feliz sem filhos’ mas, por outro, a sua reação de felicidade e o fato de considerar a narrativa como digna de nota podem indicar que ela ainda tinha alguma dúvida especialmente no tocante à repercussão de sua escolha no seu futuro, insinuando, assim, a permanência da maternidade como uma questão que impacta o curso de vida das mulheres. A narrativa funciona como um recurso importante de construção de sociabilidade: ao atualizar o futuro de uma mulher sem filhos, a narradora projeta a sua própria escolha no presente como acertada em uma fase vindoura de sua vida, ratificando também no plano do agora a sua sociabilidade de ‘mulher feliz sem filhos.’ Cumpre destacar na linha 12 o enunciado “Você e 38 pessoas curtiram isso”, um recurso disponibilizado pela rede social, sinalizando a expressiva composição numérica da audiência que possivelmente se alinha em concordância à narrativa. Essa repercussão talvez seja viabilizada por se tratar de um ambiente online, com um fluxo assíncronico e mais intenso de pessoas e discursos em comparação às conversas no âmbito *offline*.

As participações seguintes de Melanie e Anne constituem um novo enquadre narrativo, qual seja, o de narrativas de família que se complementam ao aludirem ambas a um grupo de mulheres bem mais velhas, não só em relação às interlocutoras, mas à própria personagem da narrativa predicada pela narradora como “senhora já”. As narrativas em sequência também reiteram o ponto da narrativa inaugural. Melanie, por exemplo, na linha 13 e 14 justapõe os enunciados “nunca tiveram filhos’ e “envelheceram bem, estão ótimas”, em um movimento que corrobora a associação de sentidos entre ‘estar e ser feliz’ e ‘não ter filhos’, já operada tanto pela personagem “senhora” da primeira narrativa quanto pela narradora Rose. Na linha 14, Melanie através das pistas de contextualização representadas pela conjunção “mas” e pelo movimento interacional de questionamento da audiência em “pergunta se elas quiseram ter filhos”?’’ indexa a performance de *não* maternidade das personagens como fruto de uma escolha em uma época em que tais performances eram vistas ainda como desviantes. O uso do alongamento da vogal em “Adoooro...” (l.15) constitui uma pista de contextualização do alinhamento de concordância da participante com respeito às



performances de *não* maternidade por ela narradas e sua satisfação, tal como a de Rose, com a transgressão, por tais performances, dos padrões tradicionais de feminilidade.

A narrativa de Anne se soma à primeira narrativa, a de Rose, e à de Melanie, reforçando o ponto da trama interacional que vai sendo construída, isto é, o da compatibilidade entre uma vida sem filhos com a condição de ser realizada e estar bem fisicamente. A interlocutora sequencia uma série de orações com o verbo no passado em “Nunca teve filhos nem se casou, trabalhou fora” (l. 17) que indexam performances não esperadas socialmente para a época. O comentário “Não é pra qq uma” (l. 18) indica o alinhamento de valorização e elogio de uma performance que também rompeu com as expectativas sociais para o gênero feminino.

Em seguida ao enquadre de narrativa, Tina inaugura um enquadre misto de avaliação/comentário/elaboração de uma moral em relação às três narrativas anteriores. O seu enunciado nas linhas 19 e 20 constrói as histórias de Rose, Melanie e Anne como desestabilizadoras (“isso quebra”, l. 19) do argumento de senso comum que equaciona não parentalidade com desamparo na velhice, argumento então indexado na citação das vozes sociais que a narradora anima: “ain, quem vai cuidar de você na velhice? Eu mesmo, oras!” (l. 20). Na sua resposta “Eu mesmo, oras!”, a interjeição indexa um alinhamento crítico em relação à pergunta, sinalizando ainda um tom de surpresa que desqualifica o questionamento social. Animando, pois, um diálogo possivelmente recorrente no âmbito offline entre discursos acerca do desamparo de pessoas sem filhos na velhice e falas mais assertivas dos sujeitos sociais *childfree*, dentre os quais ela própria, Tina projeta sobre esses últimos sujeitos o footing de ‘responsáveis por si mesmos’, sentido cuja construção já vinha sendo subsidiada pelas narrativas acerca de performances de não maternidade encenadas por mulheres mais velhas.

A participante Nicole inaugura um enquadre de narrativa pessoal em que resume a sua trajetória de escolha por uma vida sem filhos (l. 21 a 23). A esse enquadre se justapõe o de aconselhamento, sinalizado pela referência que a narradora faz a sua experiência de vida como um potencial “exemplo” (l. 21).

Na narrativa da trajetória de opção por não ter filhos, Nicole se refere à reação social diante dessa escolha com a escolha lexical “cobrar” em “hoje, obviamente não



sou mais cobrada pela idade’ (l. 23) e convoca também as vozes sociais que constroem a maternidade como uma experiência necessária ao citar indiretamente o questionamento de tais vozes acerca da possibilidade de adoção (l. 24). Em resposta a essas vozes e também ecoando a associação entre os sentidos de *não* maternidade e possibilidade de felicidade inaugurada pela primeira postagem e retomada ao longo dos vários enunciados e narrativas precedentes, a participante então se predica como “feliz” (l. 24). Em seguida, ela justifica a predicação com o relato da encenação das várias performances de *não* maternidade que compõem sua vida cotidiana (l. 24-28). Destaque-se a repetição exaustiva dos pronomes e formas verbais na primeira pessoa do singular como em “tenho tempo pra mim, pra me cuidar, gasto meu dinheiro com o que me agrada, durmo tranquila toda noite, sem preocupações com filhos adolescentes [...]” (l. 24 a 26), sinalizando o footing de ‘pessoa cujo principal interesse é a própria satisfação’. Por outro lado, tal footing, conforme o modelo da “mãe perfeita”, indexa simultaneamente performances de pessoa egoísta e performances vistas socialmente como não integrando a rotina típica de uma mãe. A participante agrega à sua justificativa de opção pela *não* maternidade significados correlatos ao modelo da “mãe perfeita”, isto é, que aludem à culpa e responsabilidade exclusiva dos pais, sobretudo da mãe, no que tange ao comportamento dos filhos, quando se refere nas linhas 26 a 28 a “filhos adolescentes saindo por aí na noite com o risco de fazer um monte de m.. pra depois eu e meu marido arcar com as consequências.”

Encenando ainda um footing de ‘conselheira’, a participante Nicole emprega a forma verbal “olha” (l. 28) se engajando em uma interlocução direta com as participantes. Nessa interlocução o emprego do verbo querer em “se vocês não querem ter filhos” (l. 28) reitera o sentido central da narrativa inaugural acerca da *não* maternidade como uma alternativa plausível e compatível com felicidade como denota o seu enunciado final “hoje sou feliz sem filhos” (l. 30), seguido pela pista paralinguística “:).” . O footing de ‘conselheira’ é encenado pelo recurso ao imperativo em “não *dêem* crédito pro que a sociedade pensa” em que a participante critica as vozes sociais que mencionara. Nicole também projeta sobre si um footing de ‘mulher realizada apesar das expectativas sociais’ em “eu nunca dei créditos pro que a sociedade pensa” (l. 30).



A narradora Rose retorna na linha 31 alinhando-se em concordância com a fala de Nicole, alinhamento sinalizado pelo emprego do verbo “curtir”, pela hipérbole “milhões de vezes”, pela pista paralinguística do triplo ponto de interrogação e pelo enunciado “Penso exatamente como você!”. Todas essas pistas de contextualização parecem indicar um enquadre de elogio da fala de Nicole bem como a satisfação pelo fato de tal fala apresentar exemplos confirmando a viabilidade de uma vida sem filhos.

6. Conclusão

As várias interlocuções e narrativas se somam, assim, constituindo um alinhamento de crítica à ainda vigente associação entre maternidade e plenitude do gênero feminino. As escolhas linguísticas projetam footings de *não* mães satisfeitas com a sua opção no presente e de mulheres *não* mães que já cumpriram toda uma trajetória de vida aliando boas condições de saúde e estéticas, capacidade de autocuidado e realização profissional. Esses footings indexam, por sua vez, performances de mulheres cuja felicidade e realização são construídas como decorrentes da independência e da oportunidade de crescimento fora do âmbito doméstico propiciadas pela alternativa da *não* maternidade.

O movimento de construção de sentidos de *não* maternidade alternativos aos padrões sociais tradicionais vai sendo intensificado pelo encontro e interlocução entre as narrativas e os enunciados de diferentes participantes que se reúnem na comunidade online em torno de questões ligadas à *não* maternidade. O espaço online, ao viabilizar, pois, o fluxo assíncrono de sujeitos com interesses em comum, mas também com múltiplas vivências, pode funcionar como um lócus de encenação de performances mais assertivas e, assim, como instância de (re)descrição identitária. Na sequência discutida, as participantes da interlocução não só se (re)constróem no presente como mulheres felizes e realizadas; elas usam as histórias contadas umas para as outras para projetarem sobre si performances de mulheres completas também no futuro.

Por outro lado, entretanto, a vinculação entre *não* maternidade e felicidade se sustenta, em boa parte, pelo fato de algumas participantes, sobretudo Rose e Nicole,



relacionarem a experiência da maternidade com dedicação integral, preocupação permanente e perda da liberdade, em uma clara ressonância de sentidos macrosociais bastante recorrentes acerca das maternidades e que têm, historicamente, sustentado o modelo da “mãe perfeita”.

A sequência analisada apresenta a confluência entre significados alternativos acerca de *não* maternidade que, ao mesmo tempo, se apoiam em visões tradicionais e aprisionadoras da experiência de maternidade; as participantes rejeitam o modelo da “mãe perfeita”, mas, paradoxalmente não escapam de seu legado.

As comunidades online podem intensificar, com o seu trânsito frenético e assincrônico de sujeitos e discursos, a ambivalência das performances que tecem a vida social. Cada vez mais a investigação das interações em tais espaços se impõe para compreender como as pessoas reproduzem ou reinventam ali a vida social e para se tentar, assim, conferir maior visibilidade às experiências de sociabilidades não hegemônicas.



7. Referências Bibliográficas

AGHA, A. Voice, Footing, Enregisterment. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 15, n. 1, p. 38-59, 2005.

AUSTIN, J. L. Conferência II. In: *Quando dizer é fazer*. Palavras e ação. Tradução Danilo Marcondes Ferraz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *O Conflito: a mulher e a mãe*. Tradução de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BLOMMAERT, J. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004.

FERNANDES, E.; LACERDA, M. M. *Sem Filhos por Opção- casais, solteiros e muitas razões para não ter filhos*. São Paulo: nversos, 2012.

FIDALGO, L. *(Re)construir a Maternidade numa Perspectiva Discursiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 27ª ed. Petrópolis: Graal, 2003.



_____. *História da Sexualidade - I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. 18ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GILLESPIE, R. Childfree and Feminine: understanding the gender identity of voluntarily childless women. *Gender & Society*, v. 17, n. 1, p.122-136, Feb., 2003.

GOFFMAN, I. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Maple Press, 1974.

_____. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Tradução de Beatriz Fontana. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 107-148.

GUMPERZ, J. Contextualization and Understanding. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. *Rethinking Context: language as an interactional phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 229-252, 1992.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

LABOV, W. *Language in the Inner City: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs.) *New literacies: everyday practices and classroom learning*. Nova York: Open University, 2008.

MANSUR, L. H. B. *Sem filhos: a mulher singular no plural*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MATOESIAN, G.; COLDREN, JR. Language and bodily conduct in focus group evaluation of legal policy. *Discourse & Society*, v. 13, n. 4, p. 469-493, 2002.

McQUILLAN, J. et al. Does the Reason Matter? Variations in Childless Concerns Among U.S. Women. *Journal of Marriage and Family*, n. 74, p. 1166- 1181, Oct, 2012.

MEYER, D. A Politização Contemporânea da Maternidade: construindo um argumento. *Gênero*. Niterói, v.6, n. 1. p. 81- 104, 2005.

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L.P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 85-107, 2006.

_____. O novo ethos dos letramentos digitais: modos de construir sentidos, revoluções das relações e performances identitárias fluidas. In Signorini, I, &



Salek, R.S. (orgs.) Ensino de línguas: das reformas, das inquietações, dos desafios. Editora UFMG, Belo Horizonte, p. 204-229, 2012.

PINSKY, C. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, C.; PEDRO, J. (orgs.) *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 513-543, 2012.

RAMPTON, B. Critique in Interaction. *Critique of Anthropology*, p. 83-107, 2001.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. Introdução ao capítulo “Footing”. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M.(orgs) *Sociolinguística Interacional*. Tradução de Beatriz Fontana. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RICH, S. et al. ‘Unnatural’, ‘Unwomanly’, ‘Uncreditable’ and ‘Undervalued’: the significance of being a childless woman in Australian society. *Gend. Issues*, 28, p. 226-247, 2011.

SHELTON, N.; JOHNSON, S. “I think motherhood for me was a bit like a double-edged sword: the narratives of older mothers”. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 16, p. 316-330, 2006.